

Peregrinos sobre as ondas: O mar como espaço de identidade em Walt Whitman e Eugénio de Andrade

João de Mancelos*

O oceano ocupa um lugar de destaque na poesia de Eugénio de Andrade e na obra de um dos autores que mais o marcou, Walt Whitman (“Whitman é uma fascinação antiga”, afirma Eugénio, em *Rosto Precário*). Como tenciono demonstrar, em ambos os escritores, o mar simboliza o espaço da identidade individual e propicia o nascimento do poeta.

Tanto Eugénio como Whitman perceberam o oceano como uma mãe simbólica, ligando-o, inconscientemente, ao arquétipo da Mãe Aquática, e atribuindo-lhe características afetivas. Eugénio associa o mar à vida em poemas como “Mar, mar e mar”, “XXIV: O mar. O mar novamente à minha porta”, “Canção para minha mãe”, entre outros. Por seu turno, Whitman apelida o oceano de “fierce old mother” ou “ocean of life”, no extenso conjunto de poemas “Sea Drift”, dedicado ao meio marítimo e à região onde o poeta cresceu, Long Island. Em Eugénio e Whitman, o oceano é, pois, um ambiente materno, genesíaco, próximo às águas fetais — e, por vezes, às ondas da morte, sugerindo princípio e fim.

Por outro lado, tanto para o bardo norte-americano como para o nosso poeta, o mar é um local, ao qual se regressa, como peregrino, em busca de inspiração e de renovação espiritual, como indicia Whitman em “Starting from Paumanock”, ou Eugénio em poemas como “Na orla do mar” ou “Quase Nada”.

Para cotejar a presença do mar na obra dos autores referidos, recorro aos saberes da literatura comparada, intertextualidade endoliterária e Psicanálise (em particular, a Teoria dos Arquétipos, tal como exposta por Carl Gustav Jung). Escoro as minhas análises com o recurso ao trabalho de especialistas na obra de Whitman (Edwin Haviland Miller, Harold Bloom, etc.) e Eugénio (Arnaldo Saraiva, Óscar Lopes, Carlos Mendes de Sousa, etc.).

* Universidade Católica Portuguesa, Viseu.